

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 500 exemplares
Depósito Legal: 433460/17
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial



A OCUPAÇÃO HUMANA DO III MILÉNIO A.C. DO CABEÇO DA ERVIDEIRA (ALCOBAÇA)

João Pedro Vicente Tereso¹, Rita Gaspar², Cláudia Oliveira³

RESUMO

Em sondagens de avaliação realizadas no Cabeço da Ervideira (Alcobaça) foram encontrados vestígios de duas ocupações humanas. A mais recente enquadra-se na segunda metade do III milénio a.C. e traduz-se num piso associado a um conjunto artefactual com abundantes cerâmicas e líticos em bom estado de preservação. A mais antiga encontra-se pouco caracterizada, sendo possível que date do Neolítico final ou Calcolítico inicial.

Foram também realizados estudos de arqueobotânica que atestaram o consumo de cereais e leguminosas e a exploração de diferentes ambientes para produção de alimentos e recolha de lenha.

Palavras-chave: Calcolítico, III milénio a.C., Alcobaça.

ABSTRACT

Test pits carried out in Cabeço da Ervideira (Alcobaça) led to the discovery of two occupation levels. The most recent dates back to the second half of the 3rd millennium BC. In this level, a possible hut floor with well-preserved and abundant ceramics and lithics was found. The oldest level is poorly characterized, but is likely from the Late Neolithic or the Early Chalcolithic.

Archaeobotanical studies demonstrate the consumption of cereals and pulses, as well as the exploitation of different environments for producing food and collecting fuel.

Keywords: Chalcolithic, 3rd millennium BC, Alcobaça.

1. INTRODUÇÃO

O Cabeço da Ervideira é conhecido há mais de um século, desde que Manuel Vieira Natividade caracterizou arqueologicamente as grutas com ocupações pré-históricas do concelho de Alcobaça (Natividade, 1899-1903). Aquando da sua intervenção na gruta da Ervideira, Natividade identificou, no topo do cabeço em que esta se situava, evidências de uma ocupação humana. À superfície, recolheu abundantes machados e enxós de pedra polida, assim como cerâmica e fragmentos de mós manuais. A presença

destes artefactos, em especial aqueles que se relacionam com trabalhos agrícolas, bem como o facto de se tratar de uma ocupação de ar-livre com vestígios de utensilagem de aspeto grosseiro, colidiram com as suas ideias pré-concebidas. Natividade esperava encontrar, por um lado, indícios de sociedades pouco desenvolvidas habitando em cavidades e, por outro, sociedades de agricultores em locais abertos associados a um maior desenvolvimento tecnológico. Já na década de 1990, Carlos Mendonça da Silva e Tóju Rosa (Silva, 1998) realizaram prospeções no local. Os vestígios encontrados levaram-nos a sugerir

1. InBIO – Rede de Investigação em Biodiversidade e Biologia Evolutiva, Lab. Associado / CIBIO – Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos, Univ. Porto; Uniarq – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa; jptereso@gmail.com

2. InBIO – Rede de Investigação em Biodiversidade e Biologia Evolutiva, Lab. Associado / CIBIO – Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos, Univ. Porto; Museu de História Natural e de Ciência da Universidade do Porto; ritantunesgaspar@gmail.com

3. InBIO – Rede de Investigação em Biodiversidade e Biologia Evolutiva, Lab. Associado / CIBIO – Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos, Univ. Porto; Faculdade de Ciências da Universidade do Porto; claudia.oliveira1991@gmail.com

a existência de um povoado neolítico no Cabeço da Ervideira. Por esta ocasião foram recolhidos, numa linha de água das proximidades, artefactos arqueológicos semelhantes aos que Natividade recolheu no Cabeço. Entre estes salientam-se pontas de seta de base convexa ou triangular, cerâmica lisa grosseira, machados e enxós, e ainda inúmera fauna (veado, coelho, boi, javali e cabra). O autor sugere que estes materiais foram arrastados para o vale como consequência da erosão do cabeço. Encontrando-se a Gruta da Ervideira na vertente entre o povoado e a referida linha de água, seria possível que pelo menos parte dos materiais encontrados há mais de 100 anos fossem oriundos da ocupação de ar-livre (Silva, 1998). Só no ano de 2006 seria realizada uma escavação arqueológica no Cabeço da Ervideira. Esta enquadrou-se num projeto PNTA, então em curso, intitulado *ALBA – O povoamento pré-histórico no concelho de Alcobaça: Identificação e caracterização*, da responsabilidade de João Tereso, Rita Gaspar, César Neves e Vera Aldeias (Tereso & alii, 2006, Aldeias & alii, 2006, Neves & alii, 2006). Esta pequena intervenção visava a deteção de elementos em estratigrafia que permitissem aferir a cronologia da ocupação pré-histórica e averiguar a existência de níveis bem preservados na jazida. Ao mesmo tempo, intentava-se adquirir alguns dados acerca das ocupações de ar-livre numa área pautada pela presença de dezenas de cavidades utilizadas na Pré-história para enterramentos e habitação.

2. LOCALIZAÇÃO

O sítio Cabeço da Ervideira localiza-se no concelho de Alcobaça, freguesia de Aljubarrota (Prazeres). Esta região enquadra-se, geomorfologicamente, na Orla Mesocenozóica Ocidental Portuguesa. Através da carta geológica que enquadra esta região (CGP, folha 26-B, 1963) é possível observar uma grande diversidade de elementos geológicos e geomorfológicos, decorrentes da ação de fenómenos de cariz tectónico e de índole diapírica. Observada à macro-escala, a área é constituída por três 3 unidades geológicas principais, que estruturam a região: o “Vale Tifónico” das Caldas da Rainha, a Serra dos Candeeiros e a depressão da Ataíja, que se estende entre o vale tifónico e o rebordo do Maciço Estremenho (Zbyszewski, França & Camarate, 1963) (Figura 1). A variação altimétrica da área deve ser salientada. Encontramos na Serra dos Candeeiros, a este, alti-

metrias máximas de cerca de 610m, sendo que a depressão da Ataíja não ultrapassa os 200m de altitude (Silva *et al.*, 1961). Esta unidade geológica ostenta várias colinas e é também nela que se desenvolvem as formas cársicas. Em termos geológicos, é composta por complexos calcários correlacionáveis com o Jurássico (“Grés superiores” do Jurássico superior) e com o Cretácico (“Camadas de Alcobaça” do Lusitaniano superior”) (Zbyszewski e França, 1963). Também esta zona de colinas entre a Serra dos Candeeiros e o litoral se divide em quatro sub-regiões. Uma das consideradas é o Vale da Ribeira do Mogo, onde se localiza o Cabeço da Ervideira (Crispim & alii, 2001).

O Vale da Ribeira do Mogo resulta do encaixe da linha de água e caracteriza-se pelo seu traçado muito sinuoso, devido ao reduzido declive existente (Crispim & alii, 2001). De orientação preferencial NE-SW, apresenta diferenças significativas no que respeita ao seu perfil longitudinal. A partir da Gruta do Cabeço da Ministra (Baixa) e até às nascentes de Chiqueda, o declive torna-se mais acentuado. É nesse troço, caracterizado pelo forte encaixe do vale, que se localiza o Cabeço da Ervideira, bem como inúmeras cavidades resultantes de fenómenos de erosão cársica, na sua maioria com ocupação pré-histórica comprovada (Natividade, 1899-1903). O marcado entalhe deste troço do vale ter-se-á originado durante o Würm recente, resultante do aprofundamento das redes de drenagem. O fundo do vale, embora aplanado é geralmente estreito (Crispim & alii, 2001) e preenchido por sedimentos detríticos.

Neste troço encaixado é possível observar penas abruptas e altas na curva côncava dos meandros e escadarias de cornijas de estrato na vertente convexa (Crispim & alii, 2001). A jazida do Cabeço da Ervideira localiza-se na margem esquerda da ribeira do Mogo, no topo de uma dessas vertentes convexas (Figura 1).

3. TRABALHOS REALIZADOS

Como foi já referido, com esta curta escavação de uma semana pretendia-se responder a questões de índole estratigráfica e averiguar a presença de sequências sedimentares com níveis de ocupação conservados e potencial informativo. Considerando a erosão que caracteriza o topo dos cabeços nestes contextos geomorfológicos, a escolha dos locais a sondar procurou privilegiar pontos onde, aparentemente, existia po-

tência estratigráfica suficiente para a preservação de estratigrafias e contextos arqueológicos.

Como tal, foram abertas duas sondagens em dois sectores distintos: o Sector 1, correspondendo à zona superior do cabeço, e o Sector 2, correspondendo à plataforma inferior, virada a norte. A densa vegetação que se encontra na maioria do cabeço condicionou muito a escolha dos locais a escavar, optando-se por uma área aplanada e com menos vegetação onde eram visíveis materiais arqueológicos à superfície, ainda que escassos. Esta área é sobranceira à Gruta da Ervideira, anteriormente mencionada.

3.1. Sondagem 1

A Sondagem 1 (4m²) foi aberta no topo da plataforma existente na área central do cabeço, correspondendo ao sector 1. Apesar de se terem recolhido alguns materiais arqueológicos, não se registou a existência de quaisquer níveis arqueológicos preservados. A potência estratigráfica era reduzida e a presença dos materiais neste local poderá estar relacionada com movimentações pós-deposicionais.

3.2. Sondagem 2

A Sondagem 2 (3m²) foi implantada numa pequena plataforma com alguma inclinação em relação ao vale, a nordeste, e à sondagem 1, numa cota ligeiramente inferior. A sondagem foi iniciada apenas com 2m² tendo sido alargada em mais 1m² durante os trabalhos devido à identificação de um plano arqueológico possivelmente preservado.

Registou-se a seguinte estratigrafia (do topo para a base da sequência) (Figura 2):

– Nível de utilização agrícola recente e atual

Constituído pelo depósito superficial – [101] – um Horizonte Ap (horizonte lavrado recente). Trata-se de um depósito franco areno-argiloso, solto, de cor castanha escura, com cascalho de calcário (<6cm) e quartzito. Apresenta frequente material arqueológico.

– Deposições pós-abandono pré-histórico

Constituído por dois depósitos: [102], cobrindo [103], ambos com frequentes materiais arqueológicos.

O depósito [102] é franco areno-argiloso, moderadamente duro e de cor castanha clara, com ocasionais pedras sub-roladas de calcário (<6cm) e quartzito.

O depósito [103] é franco argiloso, moderadamente duro e de cor castanha acinzentada escura, com ocasionais pedras sub-roladas de calcário (<5cm) e

de quartzito (<4cm). Apresenta ainda frequentes carvões e alguma fauna mamalógica queimada.

– Níveis com evidências de ocupação humana

Durante os trabalhos arqueológicos distinguiram-se três níveis onde se concentram as principais evidências de ocupação humana pré-histórica do local. Estes sugerem que temos pelo menos dois níveis de ocupação. A reduzida dimensão da área escavada torna difícil a compreensão da sequência sedimentar em questão.

O nível mais recente – [105] – é um depósito franco argilo-arenoso, duro, de cor castanha muito escura com blocos sub-rolados de calcário (até 30cm) pouco frequentes. O topo desta u.e. é bastante regular e encontra-se compactado. Apresenta abundantes carvões, poucas sementes carbonizadas e alguns nódulos de argila alaranjada, tratando-se aparentemente de um piso. Esta ideia surge reforçada pela grande quantidade de material arqueológico, nomeadamente de fragmentos de cerâmica em conexão, incluindo um vaso que foi possível reconstruir na totalidade (Figuras 4 e 5). Não foi possível a delimitação total deste piso, visto prolongar-se para os cortes da sondagem.

Sobre este piso foi recolhido sedimento com vista à realização de análises arqueobotânicas (*vide infra*). Daqui resultou também uma datação de radiocarbono, obtida sobre um fragmento de favinha (*Vicia faba*), apontando para uma cronologia da segunda metade do III milénio a.C. (Tabela 1).

Salienta-se que esta u.e. foi identificada unicamente em 1m², nomeadamente no alargamento da Sondagem 2, depois da identificação de uma concentração de cerâmicas bem preservadas.

Os níveis estratigráficos que se encontram abaixo do provável piso [105] estão ainda mal definidos, não tendo sido intervencionados na quadrícula onde o material cerâmico em conexão foi identificado. Integram, pelo menos, um nível com evidências de uma ocupação mais antiga.

De facto, após a escavação de [105] e na definição do topo do nível subjacente – [104=108] – foi recolhido um “ídolo de cornos” ou “suporte de lareira” em mau estado de preservação, no que será um nível com vestígios de uma ocupação mais antiga.

Assim, abaixo do provável piso [105] foram definidos dois depósitos, com vestígios de ocupação humana, o [104=108] cobrindo o [106], ainda que a distinção entre ambos nem sempre seja clara.

O depósito [104]=[108], franco argiloso, moderadamente duro, de cor castanha-acinzentada escura apresenta abundantes blocos sub-rolados de calcário (até 10cm) e ocasionais de quartzito. Tem frequentes materiais arqueológicos cerâmicos e líticos. O depósito [106] é franco argilo-arenoso, moderadamente duro, de cor castanha acinzentada escura e contém abundantes blocos sub-rolados de calcário (<10cm) e frequente material arqueológico (Figura 2).

– Nível anterior à ocupação humana pré-histórica

Abaixo da sequência já descrita foi definido o depósito [107], argiloso, duro, de cor castanha-alaranjada, com ocasionais blocos sub-rolados de calcário (<10cm), mais concentrados no topo. Embora ainda apresente algum – escasso – material arqueológico, este deverá ter origem em intrusões resultantes da subsequente ocupação humana.

4. CONJUNTO MATERIAL E INTEGRAÇÃO CRONOLÓGICA E MATERIAL

O conjunto artefactual recolhido nas escavações do Cabeço da Ervideira provém, na sua quase totalidade, da Sondagem 2, a única área onde se encontrou uma estratigrafia bem preservada. Como tal, o estudo aqui apresentado circunscreve-se unicamente a esta realidade.

Na descrição e caracterização dos artefactos cerâmicos, foram usados os critérios de Simões (1999) e Diniz (2007), com algumas adaptações ao conjunto material em análise.

No conjunto cerâmico recolhido denota-se um equilíbrio na quantidade de recipientes abertos e fechados, em especial de taças hemisféricas e recipientes esféricos de médias e pequenas dimensões (Tabela 2, Figuras 3 e 6). O número mínimo de recipientes é de cerca de 35. Os recipientes apresentam, geralmente, superfícies polidas ou alisadas, não existindo qualquer fragmento decorado. Os bordos são maioritariamente arredondados e, ao nível de orientação, são retos ou esvertidos. Registam-se diferentes tipos de cozeduras. São frequentemente oxidantes, embora as redutoras e as redutoras com arrefecimento oxidante sejam também muito abundantes (Tabela 2). Ao nível das formas e dos fabricos, não existem grandes diferenças entre as u.e. estudadas. Pequenas diferenças não devem ser valorizadas, considerando a reduzida área escavada. Assim, os únicos recipientes que não correspondem a hemisféricos e

esféricos de pequena e média dimensão são um recipiente representado por um fragmento de fundo com arranque de bojo, que poderá pertencer a um copo e um recipiente encontrado quebrado em conexão (Figuras 4 e 5), o qual foi possível restituir quase integralmente, tratando-se de um ovóide/esférico alto. Ambas as peças foram recuperadas na [105], escavada só em 1m².

Os níveis de deposição pós-abandono pré-histórico (*vide supra*) apresentam cerâmicas com maior índice de fragmentação, ou seja, com fragmentos de menor dimensão. De salientar que a [105], o topo da qual é aqui interpretada como piso, é aquela que apresenta mais cerâmica, ainda que tenha sido a única u.e. escavada em só 1m² (Figuras 3, 4, 5 e 6).

Entre os materiais cerâmicos distingue-se, ainda, um fragmento de um possível “suporte de lareira” ou “ídolo de cornos” com evidência de uma perfuração, recolhido no topo da [108]. Estes objetos são usualmente encontrados em contextos do Neolítico final e do Calcolítico inicial na Estremadura portuguesa (Cardoso, 2003; Sousa, 2010), encontrando-se aqui num nível abaixo do fundo de cabana, podendo corresponder a uma fase de ocupação mais antiga cujo nível de preservação não podemos atestar, dada a reduzida dimensão da área de escavação. O conjunto material lítico é numeroso, tendo sido recolhidos 352 elementos na sondagem 2 (Tabela 3). Estes foram analisados de acordo com os critérios de Carvalho (1998). O quartzito é matéria-prima predominante (41,8%), seguindo-se o cherte (35,5%). A seleção de quartzo é também representativa, com 20,4% do total, ainda que apenas se tenha recolhido um elemento em quartzo hialino. A seleção de outras litologias é claramente residual na estratégia deste grupo humano (Figura 7).

A estratégia de talhe observada orienta-se para a obtenção de lascas (82,4% do total da debitação) sobretudo em quartzito e cherte. Ainda que estejam presentes produtos resultantes das fases iniciais de exploração dos volumes, as lascas não corticais, referentes à exploração plena, são prevalentes. Foram recolhidas apenas seis lamelas (cinco em cherte e uma em quartzo) e três lâminas (em cherte).

Todos os volumes explorados registam apenas negativos de extração de lascas na sua fase de abandono. A maior parte dos núcleos não apresenta qualquer estratégia pré-definida, sendo que apenas um núcleo prismático de lascas em cherte e um núcleo discóide em quartzo apontam para obtenção pro-

gramada de suportes. As atividades de talhe estão, aliás, claramente demonstradas no local através da elevada percentagem de resíduos de talhe recolhidos (53% do total da coleção). O conjunto lítico apresenta ainda um considerável número de percutores e elementos com macerações de percussão (como núcleos ou lascas). Estes percutores surgem sobretudo em quartzito e quartzo.

Relativamente aos utensílios configurados foram identificados apenas 11 elementos, quase exclusivamente em cherte. Os elementos de fundo comum, tais como lascas e produtos alongados retocados dominam o conjunto (n8). Predomina o retoque inverso. As lâminas retocadas predominam em relação aos outros suportes. Surgiu também uma lasca denticulada e uma raspadeira sobre lasca espessa. Salienta-se ainda a presença de um elemento não configurado, uma lâmina com sinais de uso.

Em termos de elementos de pedra polida apenas foram recolhidos dois fragmentos, não sendo possível identificar, com certeza, o tipo de utensílio. Dois moventes (em granito e outra litologia) rematam o conjunto lítico da Sondagem 2.

5. RESULTADOS DO ESTUDO ARQUEOBOTÂNICO

O estudo arqueobotânico realizado incidiu sobre um conjunto de 8 amostras sedimentares recolhidas nas [103] e [105]. Um total de 21 709kg de sedimento foi processado através de flutuação manual simples, com recurso a uma malha de 0,25mm. A fração leve foi triada à lupa binocular com vista à recolha de sementes e frutos. Estes foram identificados com recurso a atlas morfológicos (e.g. Anderberg, 1994; Jacomet, 2006) e à coleção de referência do Herbário do Porto (PO) e do CIBIO. Os fragmentos de madeira carbonizada foram identificados à lupa binocular e microscópio ótico de luz refletida, com recurso a atlas anatómicos (e.g. Schweingruber, 1990).

O conjunto de carvões evidenciou escassa diversidade florística (Tabela 4). Os carvões do género *Quercus* predominam e sempre que foi possível uma melhor caracterização dos fragmentos, tratavam-se de *Quercus* de folha caduca (carvalho). Fragmentos de *Arbutus unedo* (medronheiro) surgem em todas as amostras, mas encontram-se particularmente concentradas numa amostra da [105]. Por fim, um grande número de carvões surge identificado com pouco detalhe taxonómico, como Dicotiledónea. Corres-

pondem essencialmente a fragmentos de pequena dimensão, muitos dos quais com vitrificação, uma alteração resultante da carbonização, que terá dificultado essa identificação.

Os vestígios carpológicos, embora pouco abundantes, fornecem informações interessantes, nomeadamente aqueles recolhidos na [105] (Tabela 4). Os grãos de cereais encontram-se em muito mau estado, mas foi possível identificar cariopses de trigo (*Triticum aestivum/durum*) e cevada (*Hordeum vulgare*), assim como fragmentos muito deteriorados, identificados ao nível da tribo. A tribo Triticeae inclui o trigo, a cevada e outros cereais. Foram também recuperados fragmentos de favinha (*Vicia faba*), em bastante mau estado. Uma destas favas, recolhida na [105], foi enviada para datação de radiocarbono (Tabela 1). As sementes de espécies silvestres são mais frequentes, ainda que não sejam abundantes (Tabela 4), e parecem resultar de dois tipos de ambientes (*vide infra*).

6. DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

Os trabalhos realizados no Cabeço da Ervideira permitiram documentar um nível de ocupação bem preservado, com um provável piso onde se recolheram cerâmicas quebradas em conexão, nomeadamente um recipiente que foi integralmente remontado. Este nível foi registado em 1m², o que não permite uma caracterização fiável da realidade arqueológica encontrada. Uma favinha aqui recolhida foi alvo de uma datação de radiocarbono que aponta para a segunda metade do III milénio a.C..

Abaixo deste piso encontrou-se outro nível com materiais arqueológicos, que se encontra por escavar. No topo deste foi identificado um fragmento de um provável “suporte de lareira”, o que permite colocar a hipótese de existirem vestígios de uma ocupação mais antiga, cujo nível de preservação permanece desconhecido.

Ao nível da indústria lítica o quartzito é claramente predominante, sendo que parece notório que os diferentes tipos de rocha surgem associados a distintas categorias tecno-tipológicas neste conjunto material. A debitagem está associada sobretudo ao quartzito e cherte, verificando-se que as lascas de maior dimensão surgem maioritariamente em quartzito e as lamelas em cherte. Esta situação deve relacionar-se com um constrangimento da matéria-prima. Por outro lado, os utensílios configurados surgem exclusivamente em cherte.

Ainda que a área intervencionada seja muito reduzida é possível indicar que atividades de talhe decorreram no sítio, tendo em conta a quantidade de nódulos testados e os resíduos de talhe recolhidos. Os percutores e outros elementos com marcas de percussão recolhidos terão sido provavelmente utilizados nas atividades de talhe, não se podendo descartar a execução de outras tarefas quotidianas, ainda não identificadas.

O conjunto de utensilagem também aponta para a execução de tarefas quotidianas. Destacam-se do conjunto, no entanto, os produtos alongados retocados. Estes, associados à presença de espécies vegetais cultivadas fornecem indicadores relativamente às atividades agrícolas desenvolvidas por esta comunidade.

O consumo de produtos agrícolas, nomeadamente trigo, cevada e fava, surge atestado carpologicamente, não sendo claro, dada a exiguidade da área escavada, o contexto da carbonização e consequente preservação destes vestígios. Sementes de espécies silvestres parecem resultar da exploração de dois tipos de ambientes:

- *Silene gallica* e *Sherardia arvensis* actualmente encontram-se principalmente em ambientes ruderais, bordos de caminhos e como infestantes em campos agrícolas. O mesmo acontece com a generalidade de espécies do género *Chenopodium* e muitas gramíneas silvestres. Foram recolhidas cariopses de gramíneas silvestres – *Phalaris* sp. e *Poa* sp. – que surgem hoje como acompanhantes de cultivos ou em terrenos agrícolas abandonados, ainda que algumas espécies do género *Phalaris* prefiram contextos com humidade edáfica.
- As diferentes espécies de *Carex* sp. e as espécies epónimas do tipo morfológico *Rumex conglomeratus/crispus* são comuns nas margens de cursos de água ou outras áreas húmidas.

As diferentes espécies de *Urtica* sp. encontram-se em ambos os ambientes aqui referidos.

É de salientar que o conteúdo carpológico da amostra recolhida no interior do recipiente ovóide quebrado *in situ* não difere substancialmente do das restantes amostras da mesma u.e. pelo que é provável que a sua relação com o recipiente seja meramente circunstancial, ou seja, que não advenha do seu uso. Assim, algumas das espécies silvestres sugerem a existência de ambientes antropizados que podem relacionar-se com a própria área envolvente aos espa-

ços habitacionais ou com campos agrícolas. As espécies provenientes de áreas húmidas deverão traduzir a recolha de plantas junto da ribeira. Desconhecemos o contexto e propósito dessa recolha, podendo ter sido usadas simplesmente como combustível, junto com a madeira registada antracologicamente.

O conteúdo antracológico das amostras recolhidas não permite grandes avanços interpretativos. Salientamos que as duas amostras com mais carvões, com quase dois terços do total de fragmentos analisados, foram recolhidas na [105] e cada uma delas se caracteriza pelo domínio de um táxon; uma das amostras, por medronheiro e outra por carvalho. Esta última foi recolhida no interior do pote quebrado *in situ* (Figuras 4 e 5). Trata-se de um padrão comum em amostras concentradas e não podemos descartar a hipótese de que traduza um número reduzido de plantas.

Tanto os carvalhos, em especial carvalho-cerquinho, como o medronheiro são espécies comuns na região e mesmo nos vales que circundam o Cabeço da Ervideira (observação dos autores). Porém, os dados obtidos não permitem deduzir padrões de recolha de madeira ou efetuar interpretações de índole paleoecológica, além da identificação dos dois táxones na envolvimento do sítio durante o III milénio.

Os dados obtidos, referentes ao conjunto artefactual e arqueobotânico, a elementos estruturais (o piso) e à sequência estratigráfica, carecem ainda de um devido enquadramento. A intervenção realizada deixou muitas questões por responder, em boa parte devido à exiguidade da área escavada. Acresce ainda o facto de este sítio arqueológico ser um dos poucos contextos de habitat calcolíticos intervencionados nesta área norte da Estremadura e a oeste da Serra dos Candeeiros, tornando difícil a sua integração a um nível regional. Este cenário contrasta com a abundância de contextos funerários em cavidades naturais, conhecidos há muito anos (Natividade, 1899-1901), a que se acrescenta a Gruta do Rio Seco, escavada recentemente (Tereso *et al.*, 2006).

Num contexto regional mais amplo, o Cabeço da Ervideira contrasta com os povoados/recintos calcolíticos fortificados/murados mas aproxima-se dos locais abertos, implantados em vertentes, vales ou pequenas elevações, característicos das fases mais avançadas do III milénio, isto é, do Calcolítico final (Cardoso, 1997; Sousa, 2010). A datação obtida parece apontar nesse sentido. O Cabeço da Ervideira, apesar de se tratar de um pequeno esporão (mais

concretamente a margem interna de um meandro), não apresenta um amplo domínio paisagístico, nem qualquer evidência de preocupações defensivas. É facilmente acessível a partir de Sul e não foram documentadas estruturas defensivas em nenhum quadrante, ainda que a densa vegetação dificulte a visualização da morfologia do terreno.

Em suma, os vestígios encontrados permitem afirmar estarmos perante uma jazida arqueológica com elevado potencial científico e patrimonial. Só a continuação dos trabalhos, numa ocasião futura, permitirá caracterizar de forma correta a ocupação (ou ocupações) humanas deste local.

BIBLIOGRAFIA

- ALDEIAS, Vera, GASPAS, Rita, NEVES, César, TERESO, João (2006) – O património pré-histórico de Alcobaça: uma proposta para a sua reavaliação e estudo. *Espaços ADEPA*. 2, pp. 70-75.
- ANDERBERG, Anna Lena (1994) – *Atlas of seeds and small fruits of Northwest-European plant species with morphological descriptions*. Stockholm: Swedish Museum of Natural History.
- CARDOSO, João Luís (2003) – Ainda sobre os impropriamente chamados “Ídolos de Cornos” do Neolítico Final e do Calcolítico da Extremadura e do Sudoeste. *al-madan*. 2ª série, 12, pp. 77-79.
- CARDOSO, João Luís (1997) – Génese, apogeu e declínio das fortificações calcolíticas da Extremadura. *Zephyrus*. 50, pp. 249-261.
- CRISPIM, J. A., ALMEIDA, C., FERREIRA, P., DIAS, N., RAMOS, P. (2001) – *Parecer sobre a susceptibilidade hidrogeológica e geomorfológica do Valde da Ribeira do Mogo (Alcobaça)*. Lisboa: Centro de Estudos da Universidade de Lisboa.
- DINIZ, Mariana (2007) – *O sítio da Valada do Mato (Évora): aspectos da neolitização do Interior/Sul de Portugal*, Trabalhos de Arqueologia, 48, Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- JACOMET, S. (2006) – *Identification of cereal remains from archaeological sites*, 2ª edição ed. Archaeobotany Lab, IPAS, Basel University.
- NATIVIDADE, Manuel Viera (1899-1903) – Grutas de Alcobaça. Materiaes para o estudo do Homem. *Portugália*. Porto. 1: 3-4, pp. 433-474.
- NEVES, César, TERESO, João, ALDEIAS, Vera, GASPAS, Rita (2006) – O Património Arqueológico de Alcobaça – apontamentos sobre a sua Conservação, Valorização e Divulgação, *Actas do 3º Seminário do Património da Região Oeste*, Cadaval, pp. 47-58.
- REIMER, P.J., BARD, E., BAYLISS, A., BECK, J.W., BLACKWELL, P.G., BRONK RAMSEY, C., BUCK, C.E., CHENG, H., EDWARDS, R.L., FRIEDRICH, M., GROOTES, P.M., GUILDERSON, T.P., HAFLIDASON, H., HAJDAS, I., HATTÉ, C., HEATON, T.J., HOFFMANN, D.L., HOGG, A.G., HUGHEN, K.A., KAISER, K.F., KROMER, B., MANNING, S.W., NIU, M., REIMER, R.W., RICHARDS, D.A., SCOTT, E.M., SOUTHON, J.R., STAFF, R.A., TURNEY, C.S.M., VAN DER PLICHT, J. (2013) – IntCal13 and marine13 radiocarbon age calibration curves 0–50,000 years cal BP. *Radiocarbon*, 55 (4).
- SCHWEINGRUBER, Fritz H. (1990) – *Anatomy of European woods*. Paul Haupt and Stuttgart Publishers.
- SILVA, Carlos M. (1998) – Roteiro das Grutas de Alcobaça. Antes da História. ADEPA, *Alcobaciana*. 6.
- SILVA, C.; ALARCÃO, A.; CARDOSO, A.L. (1961) – *A região a Oeste da Serra dos Candeeiros. Estudo económico-agrícola dos concelhos de Alcobaça, Caldas da Rainha, Óbidos e Peniche*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- SIMÕES, Teresa (1999) – *O sítio neolítico de São Pedro de Canaferrim, Sintra. Contribuições para o estudo da neolitização da península de Lisboa*, Trabalhos de Arqueologia, 12. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- SOUSA, Ana Catarina (2010) – *O Penedo do Lexim e a sequência do Neolítico final e Calcolítico da Península de Lisboa*. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- TERESO, João; NEVES, César; GASPAS, Rita; ALDEIAS, Vera; DUARTE, Cidália; GONÇALVES, David; NETO, Filipa; PINHEIRO, Vanda (2006) – A necrópole neolítica da Gruta do Rio Seco (Alcobaça): Dados da primeira intervenção, *Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular. Simbolismo, Arte e Espaços Sagrados na Pré-história da Península Ibérica*. Universidade do Algarve, pp. 89-110.
- ZBYSZWESKI, Georges; FRANÇA, J. C. (1963) – *Carta Geológica de Portugal, escala 1:50 000. Notícia explicativa da Folha 26-B. Alcobaça*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.



Figura 1 – Localização do Cabeço da Ervideira.

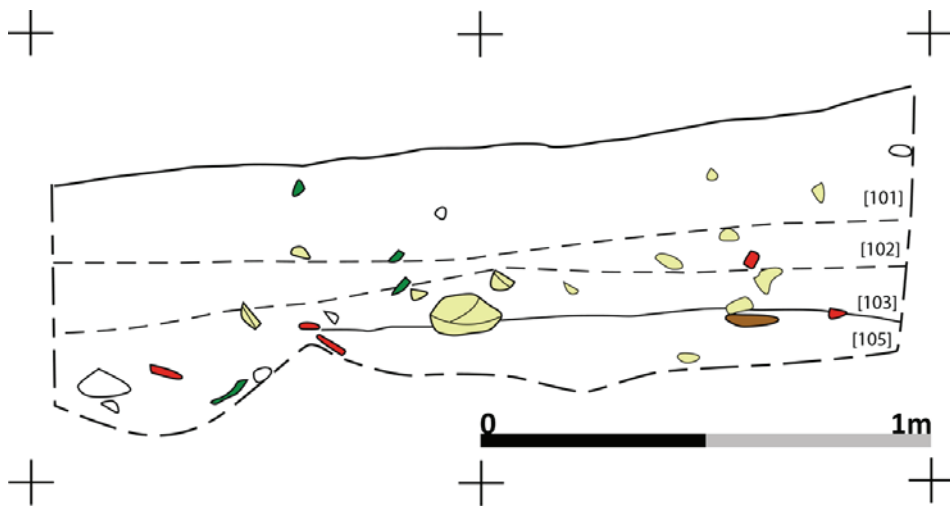


Figura 2 – Secção Norte da Sondagem 2.

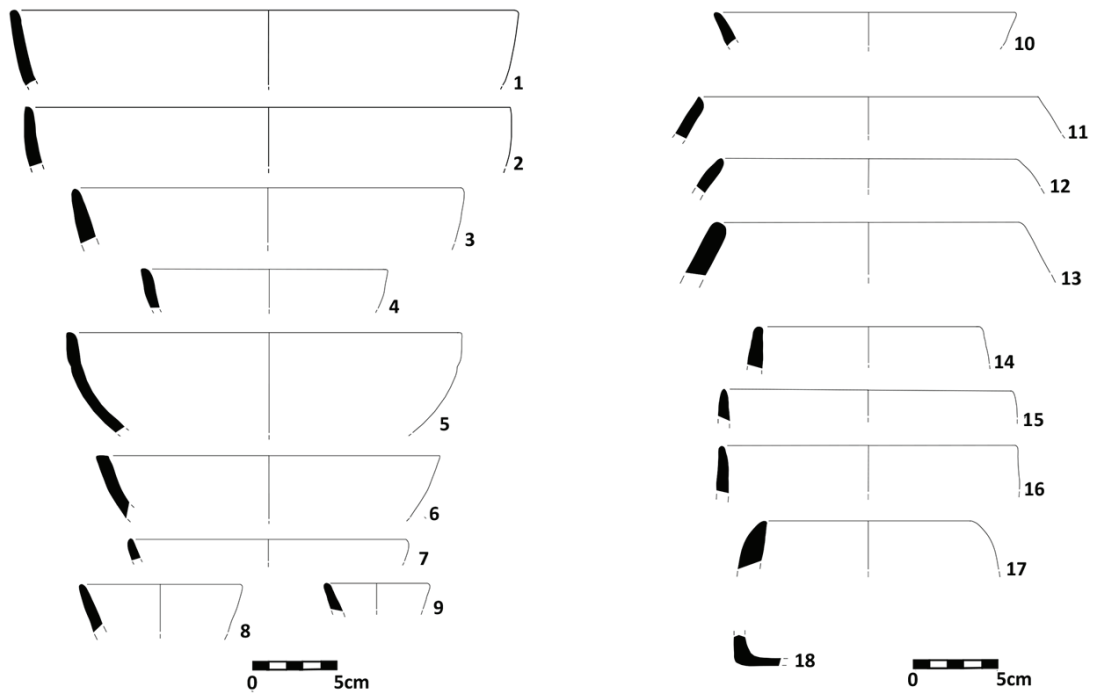


Figura 3 – Recipiente cerâmicos: 1-10 Formas abertas; 11-17 Formas fechadas; 18 Fundo de possível copo.



Figura 4 – Esférico alto/ovoide *in situ*, da [105], desde a descoberta ao levantamento.

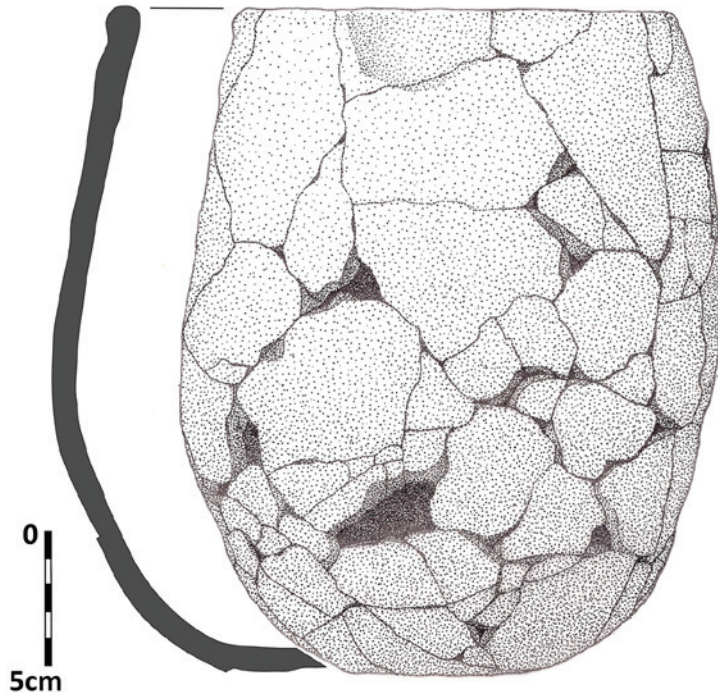


Figura 5 – Esférico alto/ovoide encontrado quebrado *in situ* no topo do piso [105].

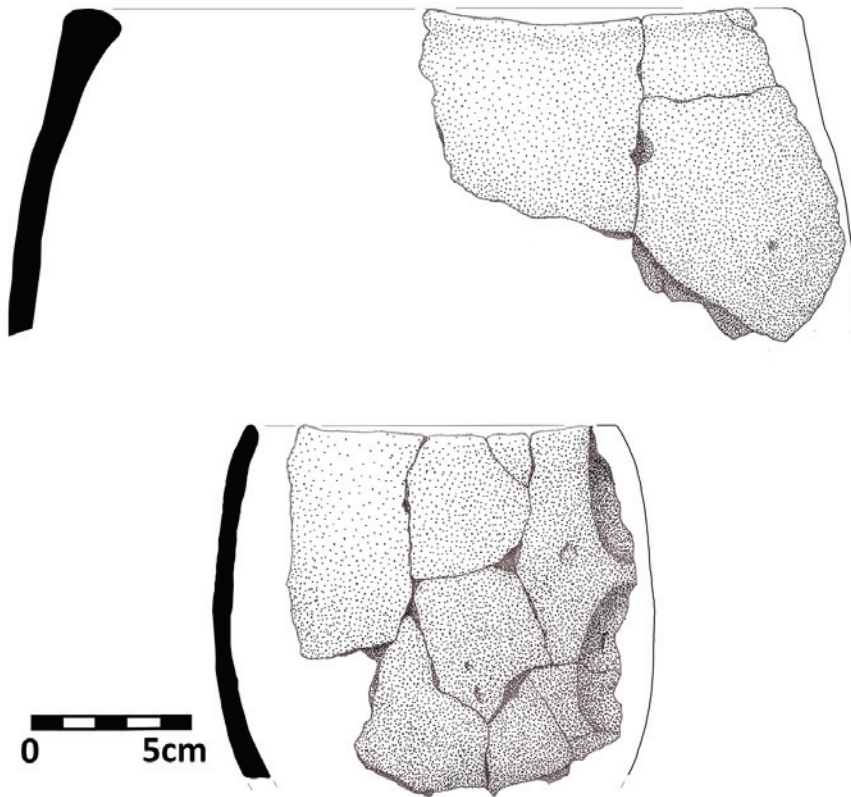


Figura 6 – Recipientes encontrados no topo do piso [105].

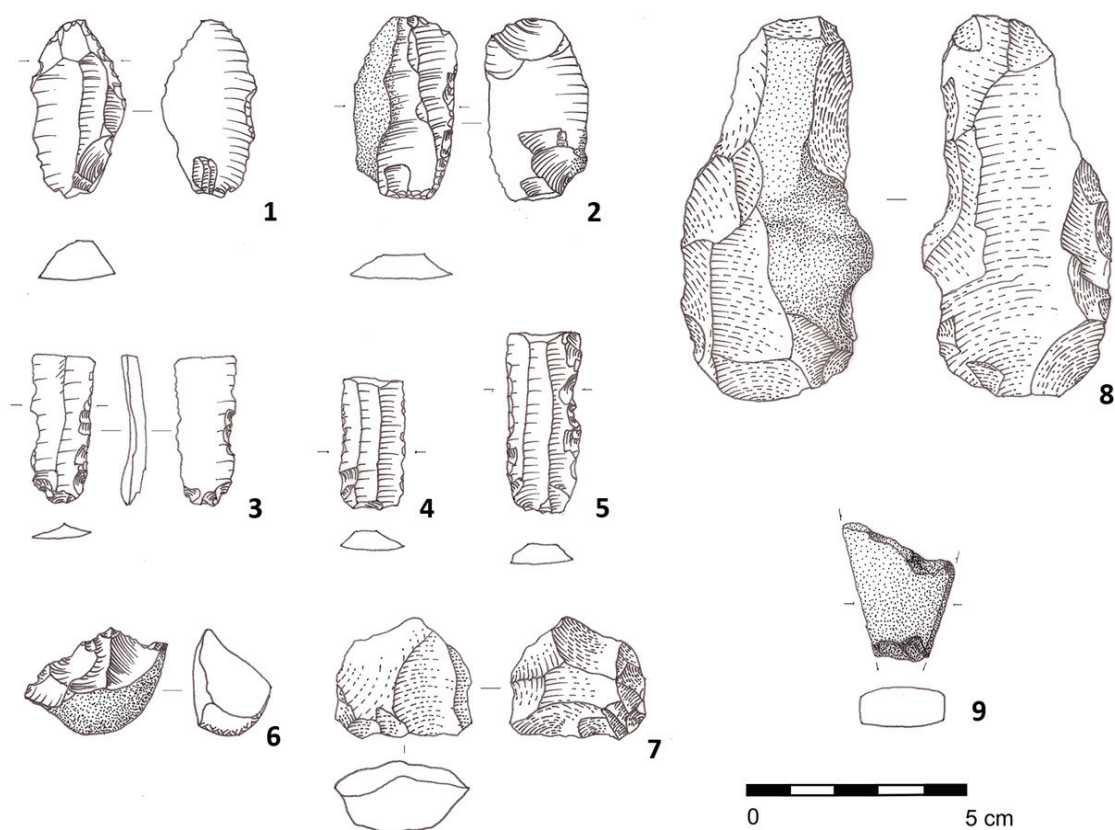


Figura 7 – Indústria lítica: 1 Lasca com retoque marginal; 2 Lasca retocada, com o bolbo adelgado; 3 e 5 Lâminas retocadas; 4 Lâmina com marcas de uso; 6 Lasca denticulada; 7 Núcleo discóide em quartzo; 8 Lasca retocada em quartzito; 9 Fragmento de utensílio de pedra polida.

Código	Amostra	¹⁴ C BP	Calibração a 2 sigma
Beta - 349644	<i>Vicia faba</i> (semente)	3860±30	2461-2210 (95,4%)

Tabela 1 – Datação de radiocarbono obtida na [105], calibrada com Oxcal 4.3 (curva IntCal 13) (Reimer *et alii.*, 2013).

	u.e.	101, 102, 103	104, 105, 106, 107
Formas	Hemisférico	10	5
	Esférico	8	7
	Esférico alto		1
	Copo		1
	Indeterminado (frag. bordos)	20	12
Bordos (forma e orientação)	Maioritariamente arredondados, sendo retos ou esvertidos.	Maioritariamente arredondados, esvertidos e retos	
Fabrico	Pastas - Elementos Não Plásticos	Escassos ou moderados, finos e médios, maioritariamente de quartzo e feldspato, raramente de mica, minerais rosados ou cerâmica reutilizada.	Escassos ou moderados, finos e médios, de quartzo, feldspato, calcário, minerais rosados, mica e cerâmica reutilizada.
	Cozedura	redutora, oxidante ou redutora com arrefecimento oxidante.	Maioritariamente oxidante, mas também redutora ou redutora com arrefecimento oxidante.
	Tratamento de superfícies	Superfícies internas e externas polidas, por vezes só alisadas.	Superfícies internas e externas polidas, por vezes só alisadas.

Tabela 2 – Caracterização do conjunto cerâmico.

u.e.	[sup]; [101]; [102]; [103]							[104]; [105]; [106]; [107]					Total
	Quartzo	Quartzo hialino	Quartzito	Cherte	Granito	Outras	Sub-total	Quartzo	Quartzito	Cherte	Outras	Sub-total	
De bitagem							110					20	130
Lasca < 2,5cm cortical			6	2			8					0	8
Lasca < 2,5cm semi-cortical	3		5	5			13		1	1		2	15
Lasca < 2,5cm não cortical	9		17	10			36	2	2	2		6	42
Lasca > 2,5cm cortical			2	2			4		1			1	5
Lasca > 2,5cm semi-cortical			13	3			16		6			6	22
Lasca > 2,5cm não cortical	4		13	5		2	24		4	1		5	29
Lamela não cortical	1			3			4					0	4
Lamela semi-cortical				2			2					0	2
Lâmina não cortical				3			3					0	3
Núcleos							8					3	11
Nódulo debitado	2	1		1			4		3			3	7
Poliédrico				1			1					0	1
Prismático				1			1					0	1
Discóide	1						1					0	1
Fragmento de núcleo	1						1					0	1
Utensílios							11					1	12
Lasca de retoque marginal			1	2			3					0	3
Lamela de retoque marginal				1			1					0	1
Lâmina de retoque marginal				4			4			1		1	5
Lasca denticulada				1			1					0	1
Raspadeira				1			1					0	1
Lâmina com sinais de uso				1			1					0	1
Resíduos de talhe							178					9	187
Esquírola	32		16	31			79	2				2	81
Resíduos de talhe	13		48	38			99		4	3		7	106
Outros							7					4	11
Movente					1		1				1	1	2
Percutor	1		2			1	4		3		1	3	7
Indeterminado (possível polido)						2	2					0	2
Total	67	1	123	117	1	5	314	4	24	8	2	38	352
%	19,0	0,3	34,9	33,2	0,3	1,4	89,2	1,1	6,8	2,3	0,6	10,8	100

Tabela 3– Indústria lítica recolhida na Sondagem 2.

U.E.	103		105				
Quadrado	K13	L13	L14	L14	L14	L14	
Quadrante	SW		NW		Pote	NE	
Peso (g)	3500	3200	3700	4670	1739	4900	Total
Antracologia							
<i>Arbutus unedo</i>	8	3	6	66	1	5	89
<i>Quercus</i> – caducifolia	1	1	7		27	6	42
<i>Quercus</i> sp.	5	3	8		43	17	76
Dicotiledónea	15	14	3	33	1	10	76
Carpologia – plantas domésticas							
<i>Hordeum vulgare</i>						1	1
<i>Triticum aestivum/durum</i>			1				1
<i>Triticum</i> sp.			1				1
Triticeae – frag.			5				5
<i>Vicia faba</i>				1			1
<i>Vicia faba</i> – frag.				1		1	2
Carpologia – plantas silvestres							
<i>Carex tipo muricata</i>			2	1	1	2	6
<i>Chenopodium tipo album</i>				10	2	1	13
<i>Chenopodium tipo album</i> – frag.				5			5
<i>Phalaris</i> sp.			2	2	1	1	6
<i>Poa</i> sp.			1				1
<i>Rumex tipo conglomeratus/crispus</i>				1		1	2
<i>Sherardia arvensis</i>					1	2	3
<i>Silene gallica</i>			1	1	1		3
<i>Urtica</i> sp.						1	1
Indeterminado – frag.	2	5	7	9	2	49	74
Coprólito de térmitas			3			5	8

Tabela 4 – Resultado do estudo arqueobotânico.



Patrocinador oficial